

PREFÁCIO

Embora não seja entendido em teologia, considero o padre checo Tomáš Halík um dos maiores teólogos contemporâneos. Pelo menos é o autor que, na minha modesta opinião, mostra maior capacidade para se dirigir, usando uma linguagem compreensível, a uma audiência vasta e variada, incluindo tanto crentes como não crentes. Nascido no pós-Guerra, em 1948, no seio de uma família checa sem prática religiosa, no tempo em que o ateísmo era «religião oficial» na Checoslováquia, ele próprio tem a experiência da transição de não-crente a crente católico. Para isso contribuíram leituras do escritor inglês, também ele convertido ao catolicismo, G. K. Chesterton. O que o atraiu no catolicismo, confessa Halík, foi ele ser a «religião do paradoxo», tal como transparece em autores como Santo Agostinho (um outro convertido), Blaise Pascal, Søren Kierkegaard, G. K. Chesterton ou H. Graham Greene. Halík foi ordenado padre clandestinamente na Igreja Subterrânea do Leste europeu, mas hoje, após a queda do muro de Berlim, é professor de Sociologia e de Teologia na Universidade Carolina de Praga, para além de capelão universitário. Recebeu vários prémios e distinções, como recentemente o grau de doutor *honoris causa* na Universidade de Oxford, no Reino Unido, juntamente com, entre outros, o cineasta espanhol Pedro Almodóvar e o economista americano Paul Krugman.

Chesterton escreveu sobre a conversão: «Esta é uma das mais

comuns e enganadoras ilusões acerca do que acontece a um convertido. De modo atabalhado, as pessoas confundem o testemunho normal dos convertidos acerca de terem encontrado a paz moral com a ideia de terem atingido o repouso mental, no sentido em que o repouso tem de inação... Porém, tornar-se católico não é deixar de pensar de pensar, mas antes aprender a pensar.» Pode dizer-se que a teologia de Halík é um bom exemplo do pensamento ativo, ao contrário de muita teologia que parece pensamento passivo (cito de novo Chesterton, «a teologia não passa do pensamento aplicado à religião»). Pensar, a respeito da crença em Deus ou da sua falta, não pode deixar de ser um processo multifacetado e de enorme complexidade, onde o paradoxo acaba por ser uma solução inescapável. Neste livro, na senda de outros livros seus, publicados com merecido êxito em português (*Paciência com Deus, A Noite do Confessor, O meu Deus é um Deus ferido e Quero que Tu sejas!*, todos eles editados, entre nós, pela Editora Paulinas), Halík fala da falta de crença – o ateísmo, ao qual podemos associar o agnosticismo – de um modo paradoxal. Trata-se de um pensamento que provoca, que nos faz pensar: para ele, a crença enriquece-se com a descrença, assim como a descrença se enriquece com a crença. Para ele, uma pessoa poderá ser, em graus variáveis, de indivíduo para indivíduo e no mesmo indivíduo com o decurso do tempo, simultaneamente crente e descrente. Quer dizer não há crentes e não crentes, há simplesmente pessoas.

Anselm Grün, por seu lado, é um monge beneditino que se tornou um dos teólogos atuais mais conhecidos em todo o mundo. Nascido em 1945, entrou com 19 anos na abadia de Müns terschwarzach, perto de Wurtzburgo, na Alemanha, onde ainda hoje reside. Ao contrário de Halík, a sua família era religiosa, podendo ter sido influenciado por um tio padre e duas tias freiras, todos eles beneditinos. Estudou Filosofia, Economia e Teologia, tendo obtido um doutoramento nesta disciplina sob a orientação do famoso jesuíta alemão Karl Rahner. Em numerosos livros,

curso e palestras ganhou fama de excelente comunicador. Tem o dom da palavra. Um bom indicador é o facto de dezenas dos seus livros estarem traduzidos em 35 línguas por esse mundo fora. Em Portugal (na Paulinas Editora, saíram até agora duas dezenas de obras, incluindo *O que vem depois da morte?*, *Que fiz eu para merecer isto?*, *O livro das respostas*, *Deus, dinheiro e consciência*, *A vida e o trabalho* e *A sublime arte de envelhecer*, o que não passa de uma pequena fração dos seus mais de trezentos livros). Mais do que um pregador católico, é um conselheiro espiritual que consegue ultrapassar as fronteiras da sua religião. Talvez isso explique que, em certos círculos católicos, as suas posições, designadas por «humanismo transcendental», sejam vistas com alguma desconfiança.

Diga-se desde já que existe um grande acordo entre os dois autores principais sobre a relevância e significado do ateísmo no quadro de um catolicismo aberto à realidade de hoje que os dois representam. Partindo de experiências pessoais bastante distintas, ambos pugnam por uma abertura da Igreja aos descrentes, isto é, aos mais descrentes do que aqueles que se reconhecem na Igreja. Os mais crentes e os mais descrentes ganham em falarem entre si. O subtítulo esclarece quanto à intenção comum: *Quando a crença e a descrença se abraçam*.

Halík começa por analisar o que significa ateísmo: *a*-teísmo = recusa do teísmo. Mas pergunta ele, logo de início: que Deus se está a recusar? Para o padre checo não há dúvida de que existem ideias de Deus perfeitamente recusáveis e que algumas dessas ideias estão ainda hoje presente no interior da Igreja. Para ele, Deus é mistério, o que implica evidentemente procura, pelo que as certezas acerca de Deus poderão ser obstáculos à verdadeira religião. Halík não receia não só ler com atenção, como tentar perceber, os maiores descrentes. Parte até do famoso texto do louco de *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche, escrito entre 1881 e 1887, que anuncia de um modo poético mas imperativo a «morte de Deus»:

O louco saltou para o meio deles e trespassou-os com os seus olhos: «Onde está Deus? – gritou. – Vou dizer-vos! *Matámo-lo*: vós

e eu! Todos nós somos os seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como poderíamos esvaziar o mar? Quem nos deu a esponja para apagar totalmente o horizonte? Que fizemos, quando soltámos esta terra do seu sol? Para onde se move ela, agora? Para onde nos deslocamos? Para lá de todos os sóis? Não nos balanceamos sem cessar? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existe ainda um em cima e um em baixo? Não vagueamos através de um nada infinito? Não nos bafeja o espaço vazio? Não ficou mais frio? Não cai incessantemente a noite, e cada vez mais noite? Não deveriam acender-se lanternas em plena manhã? Não ouvimos ainda o fragor dos coveiros, que enterraram Deus?»

Nietzsche retomou o tema da morte de Deus em *Assim falava Zaratustra* e em *Anticristo*. Ao contrário do que é *vox populi* no mundo cristão, para Halík, o filósofo alemão, que declarou o óbito da divindade, pode ser uma luz para os crentes, em vez de ser um porta-voz das trevas: «Se Nietzsche é um crítico do Cristianismo, então semelhante crítica pode ser muito útil aos cristãos; se Nietzsche é um inimigo do Cristianismo, então os cristãos podem estar agradecidos por semelhante inimigo, que provoca e desafia à inquietação e ao pensamento» (v. p. 25). Num discurso que proferiu em 2016, na Capela da Universidade de Coimbra, Halík estabeleceu mesmo um paralelo entre Nietzsche e a sua contemporânea Teresa de Lisieux, a freira carmelita francesa mais conhecida entre nós por Santa Teresinha do Menino Jesus. Tanto Nietzsche, que morreu louco, tal e qual o seu personagem, como Santa Teresinha viraram as costas a um tempo que, do ponto de vista religioso, se caracterizou pela ênfase no pecado e na piedade. E, lembrou Halík em Coimbra (relembrando-o neste livro), Santa Teresinha passou no período final da sua vida, quando estava atormentada pela tuberculose, pela dura experiência da «noite escura da alma» (a expressão é do poeta carmelita espanhol S. João da Cruz), que consistiu em imaginar-se a partilhar a mesa e o pão com os descrentes, ela própria descrente, não em Deus, mas na vida eterna concedida por Deus. Houve, por-

tanto, momentos de íntima solidariedade da crente com os descrentes. Declarou a mística, pouco antes de morrer aos 24 anos: «O meu Céu é sorrir a esse Deus que eu adoro, quando Ele se quer esconder para testar a minha fé.» Para Halík, o combate entre crença e descrença «não é uma luta entre duas equipas claramente separadas com camisolas de cores diferentes, mas, antes e frequentemente, um diálogo ou um conflito no íntimo de um coração ou espírito humano». Isto porque – diz ele – «o mundo e a vida são ambivalentes e polifacetados». Modernamente, é conhecido o caso de Madre Teresa de Calcutá, a freira albanesa que fundou a Congregação das Missionárias da Caridade, que, sabe-se hoje, foi assediada pela descrença ao longo de mais de quatro décadas. Declarou ela:

Onde está minha fé? Mesmo lá no fundo... não há nada, mas vazio e escuridão... Se há Deus, por favor, perdoa-me. Quando tento levantar os meus pensamentos para o Céu, há um vazio tão convincente de que esses mesmos pensamentos regressam como facas afiadas e ferem a minha alma.

Essas dúvidas não impediram, contudo, a sua subida aos altares...

Grün parte, não de Nietzsche, mas do filósofo alemão igualmente oitocentista Ludwig Feuerbach, para quem a ideia de Deus não passaria de uma «projeção humana» (o médico austríaco Sigmund Freud diria mais, quando falou de uma «ilusão humana»). Mas concorda no essencial com Halík, como se depreende da sua afirmação: «Devo tomar consciência de que, no meu coração, tenho sempre os dois polos: crença e descrença.» Para ele, assim como para o seu mestre Rahner, as provas clássicas da existência de Deus não poderão nunca convencer um ateu. Para Rahner, Deus é um «mistério indescritível e incompreensível». A crença é atingida por meio de uma experiência interior, não do tipo lógico-racional, mas de um tipo assaz diferente ao qual a teologia chama graça, um dom que pode ser inato ou adquirido.

Que Deus está para lá da razão ficou claro após Santo Agostinho ter escrito: «Se compreendeis, não é Deus.»

Grün cita o filósofo francês ateu dos nossos dias André Comte-Sponville, «o ateu pode renunciar a Deus, mas não à espiritualidade», pelo que existe uma espiritualidade sem Deus. O homem, para esse filósofo, é «finito, aberto ao infinito», sendo a espiritualidade precisamente essa abertura ao infinito. Faltará muito pouco ao ateu para chegar a Deus, parece que apenas o nome de Deus. Claro que a questão não é assim tão simples, pois Deus não é uma coisa, nem uma pessoa semelhante ao ser humano, apesar de, na Bíblia, estar escrito que o homem foi feito «à imagem e semelhança de Deus». Há várias ideias de Deus para diferentes crentes. E algumas afastam-se bastante do ser humano. Para Albert Einstein, o físico nascido na Alemanha, que representa os mais altos cumes do pensamento científico no século XX, não existia um Deus pessoal, capaz de falar aos homens como podemos ler no Novo Testamento. O sábio, apesar de descrente num Deus pessoal, era crente num Deus definido, à maneira do judeu heterodoxo Bento Espinosa, como a harmonia universal, a beleza e simplicidade das leis da física.

O Cristianismo é, para Halík, a religião dos paradoxos. Para Chesterton, Jesus Cristo é o «melhor Deus para os ateus», uma vez que, se estes tivessem de escolher uma religião, deveriam preferir uma em que Deus, ainda que por um só momento, se revelou ateu. O escritor refere-se ao famoso momento quando Cristo exclama na cruz: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?» Halík, em *Abandono de Deus*, cita o cardeal e teólogo jesuíta checo Tomáš Špidlík para chamar aos cristãos ex-ateus: «Também nós, cristãos, fomos ateus durante mais de quatrocentos anos», frase que significa que os cristãos primitivos eram considerados ateus por recusarem a religião romana. Na mesma linha paradoxística, Halík cita ainda Ernst Bloch, o filósofo alemão, marxista e ateu: «Só um ateu pode ser um bom cristão, mas também só um cristão pode ser um bom ateu.» Está aqui bem patente a

união dos contrários. Vêm-me à mente as palavras, num contexto completamente diferente (o da filosofia da física quântica, no quadro da qual uma onda é uma partícula e uma partícula é uma onda), do físico dinamarquês Niels Bohr: «O oposto de uma grande verdade é outra grande verdade.»

Grün conclui muito justamente que, para crentes e não-crentes, existem espaços de trabalho conjunto, espaços de convivialidade e construção de futuro: a espiritualidade decerto, mas também a proteção do ambiente (em defesa da casa comum que é o Planeta), a construção da paz, a procura da justiça e da solidariedade, e, finalmente, o gosto pela cultura e pela beleza. Sobre a justiça e a solidariedade, Grün não tem dúvidas de que «na luta contra a dor, na luta por um mundo mais justo, os cristãos e os ateus podem agir em conjunto». Dá um belo exemplo retirado do romance *A Peste*, do francês Albert Camus. O médico ateu, o doutor Rieux, luta contra a peste bubónica ao lado do padre católico Paneloux. Quando uma criança acaba por morrer, não resistindo à enfermidade, o padre diz que acaba de compreender o que é a graça. Responde-lhe o médico:

– É o que eu não tenho, bem sei. Mas não quero discutir isso consigo. Trabalhamos juntos por qualquer coisa que nos une, para além das blasfémias e das orações. Isso é que importa.

O resto do diálogo não está neste livro. Mas eu, motivado pela leitura de *Abandono de Deus*, fui reler Camus. A história continua assim:

Paneloux senta-se junto de Rieux. Parecia comovido.

– Sim – disse ele –, é verdade, também o senhor trabalha para a salvação do homem.

Rieux tentou sorrir.

– A salvação do homem é, para mim, uma palavra demasiado grande. Não vou tão longe. É a sua saúde que me interessa, é a sua saúde em primeiro lugar.

Paneloux hesitou.

– Doutor... – disse ele.

Mas deteve-se. Também sobre a sua frente o suor começava a correr. Depois murmurou: «Adeus» e os seus olhos brilhavam quando se levantou. Ia partir quando Rieux, que refletia, se levantou também e deu um passo para ele.

– Perdoe-me, mais uma vez. Isto não voltará a repetir-se.

Paneloux estendeu a mão e disse com tristeza:

– E, contudo, não o convenci.

– Que importância tem isso? – respondeu Rieux. – O que eu odeio é a morte e o mal, bem sabe. E, quer queira, quer não, estamos juntos para os sofrer e combater.

Rieux segurava a mão de Paneloux.

– Bem vê – disse, evitando fixá-lo –, nem mesmo Deus pode agora separar-nos.

Sim, lido este estimulante livro, fácil será concluir que nem o próprio Deus pode separar crentes e descrentes.

CARLOS FIOLHAIS
Professor de Física da Universidade de Coimbra